

## DECLARAÇÃO DOS PLENÁRIOS DE MARÇO REINVENTAR O BLOCO

Em declaração conjunta de 5 de maio de 2015, a tendência Esquerda Alternativa e a Plataforma Unitária anunciavam a intenção de apresentarem uma moção única à X Convenção do Bloco de Esquerda. Nesse documento, afirmavam a vontade de iniciar um processo através de “consensos políticos fortes acerca de grandes decisões a tomar até à X Convenção, prevista para finais de 2016: programa e listas eleitorais; eleições presidenciais; linha de orientação política”. Mais adiante e mais claro ainda, o acordo estabelecido reconhecia a necessidade de colaboração política entre as duas correntes e acordava “elaborar uma proposta de primeiros candidatos do Bloco aos diversos círculos eleitorais”.<sup>1</sup>

É certo que o mesmo documento também afirmava peremptório: “o Bloco não abdicará da sua autonomia política, nem se submeterá a acordos de incidência parlamentar, globais ou sectoriais, com os partidos subscritores do memorando com a troika e comprometidos com o tratado orçamental”.

Se a primeira condição foi aparentemente cumprida, as duas forças que se apresentaram separadamente à Convenção de novembro de 2014, dividiram entre si a influência no aparelho partidário, os lugares previsivelmente elegíveis nas listas eleitorais, programa e linhas de orientação, já a segunda foi naturalmente ultrapassada com o apoio parlamentar do Bloco ao governo do Partido Socialista.

É no quadro desse apoio parlamentar e do acordo estabelecido entre o PS e os partidos à sua esquerda que o Bloco terá de discutir e definir a sua linha política para o próximo período. Com a crise europeia, com extrema-direita a ganhar espaço e expressão eleitoral, com a submissão da generalidade da social-democracia ao social-liberalismo e às políticas da Comissão Europeia e do BCE, com a urgência humanitária dos refugiados sem outra resposta para além da perseguição e do encerramento de fronteiras, com os recursos comunitários canalizados para o resgate de bancos e instituições financeiras, com a desigualdade a galgar todos os espaços da democracia, a União Europeia é hoje um projeto falhado. E na resposta a esse falhanço flagrante ilustrado pela crise das dívidas, por todas as urgências humanitárias, pelos refugiados que não encontram refúgio na Europa, pelo desemprego e pelo racismo institucional, pela moeda única que agrava as desigualdades, a esquerda europeia terá de encontrar outros caminhos que não convirjam com a ação de Hollande, Schulz ou da Internacional Socialista.

Nesse percurso dificilmente o PS de António Costa será um parceiro. Os acordos que estabeleceu à sua esquerda são insuficientes para enfrentar o futuro próximo e as pressões europeias. A sua natureza não é de confronto radical com a burguesia e com o capital, nem sequer de procurar uma alternativa fora do quadro dos Tratados europeus e dos compromissos que trouxeram a Europa até ao precipício onde se encontra. Quando a corda esticar, o Bloco só poderá estar do lado dos e das trabalhadoras, dos e das pensionistas e na defesa dos serviços públicos. Só o campo dos direitos sociais e da afirmação de classe terá o compromisso firme do Bloco. Não haverá acordos parlamentares ou ameaças do regresso da direita ao poder que façam o Bloco abdicar do essencial do seu programa, abdicar de construir uma alternativa de poder, socialista e internacionalista.

---

<sup>1</sup> Declaração Conjunta da Plataforma Unitária e da Tendência Esquerda Alternativa.  
<http://www.bloco.org/content/view/3052/46/>

É neste contexto que discutimos a proposta do plenário nacional de fevereiro da Plataforma Unitária para um processo conjunto de preparação de uma moção à próxima convenção que nos levou já a reunir com a direção desta Plataforma e também com a Tendência Esquerda Alternativa. Neste processo assinalamos a divergência de posições no que respeita à avaliação da última convenção. Onde para uns a IX Convenção foi um momento de “fraturas” que importa superar<sup>2</sup>, para outros foi um exemplo de “pluralismo nas eleições internas mais disputadas de sempre” e que “reforçou a democracia interna e permitiu o realinhamento de programa político bloquista”<sup>3</sup>.

E se as diferenças de avaliação são naturais num partido plural, para a X Convenção importa muito mais o futuro do que os balanços do passado. Mas todos os projetos futuros só terão sentido se souberem aprender com os percursos do passado. Um partido sem memória será um partido vazio e que se esgota no imediatismo da atividade política feita de *sound bytes* e que abdica do fundamental.

Assim os plenários das pessoas que se encontraram na convenção passada na moção *Reinventar o Bloco* e de todas as outras que entretanto se quiseram juntar a este espaço de debate interno, afirmam a intenção firme de fazer do Bloco um partido capaz de construir a alternativa necessária no país, de ser agente ativo na construção de redes internacionais que permitam também essa alternativa à escala europeia e em articulação com as forças progressistas que em todo o mundo lutam contra a barbárie capitalista. Nesse projeto, as opções estratégicas da X Convenção terão de ser lealmente e com intensidade debatidas, sem falsos unanimismos ou a criação de espaços de debate que não os que naturalmente resultam das estruturas do Bloco. Nenhum esforço unitário pode substituir-se ao pluralismo e liberdade absoluta do debate da Convenção nos espaços próprios. Nenhuma moção, por maioria que seja, saberá substituir o debate e a decisão do processo da Convenção no envolvimento de todos e todas as aderentes do Bloco.

O Bloco nasceu do esforço de convergência de correntes históricas da esquerda que tiveram a coragem de dar o passo que importava. Seguiram-se anos de *hegemonia partilhada* em que a coragem do momento fundador foi subvertida pelas lógicas de manutenção de espaços de influência e de definição política fora dos espaços próprios do Bloco. Ora, o Bloco não poderá ficar prisioneiro de processos de participação política com direito de admissão reservado, onde exista um primeiro nível no qual as discussões e decisões são tidas (o das correntes internas) e um outro em que são simplesmente comunicadas (o das estruturas do Bloco).

Pelo que, para além de tudo isto, às decisões sobre a próxima Convenção não pode ainda ser alheio o balanço do trabalho da direção do Bloco ao longo dos últimos dois anos. Somado ao deslocamento das esferas próprias de decisão para esferas informais, foi notório que o esforço construtivo de apresentação de contributos, sugestões e propostas realizado pelos/as representantes da moção R encontrou a cada momento uma barreira de indiferença ou de hostilidade. Nesta direção houve ignorados, cooptados e negociados. Daí que mais importante que esforços unitários de fachada seja mesmo alterar estes esquemas de trabalho.

Tendo reunido em Lisboa a 20 e no Porto a 24 de março os e as aderentes do Bloco presentes afirmam o seu compromisso de fazer da X Convenção um espaço de pluralismo, de debate e de

---

<sup>2</sup> Resolução do plenário nacional da Plataforma Unitária 15 fevereiro 2016  
<http://www.bloco.org/content/view/3094/46/>

<sup>3</sup> Resolução da V Assembleia da Esquerda Alternativa 12 março 2016  
<http://esquerdaalternativa.bloco.org/images/pdfs/VAssembleiaEA.pdf>

decisão fundamental para um Bloco de Esquerda capaz de enfrentar os desafios do presente. Daremos o contributo possível para a clarificação das divergências assim como para procurar todas as convergências que permitam à futura direção encontrar os caminhos do Bloco. Nesse processo de debate e síntese faremos ouvir as vozes de quem continua a entender que o Bloco precisa de se reinventar radicalmente.